

um conto sem ponto, quase poema

nada podia prever aquele acontecimento
o dia espantava de tão azul que o céu apresentava
parecia um novo mundo vindo a me engolir como a visão de uma princesa
uma princesinha banhada pelo atlântico infinito
imenso e sagaz o céu tomava conta de tudo
e o mar banhava estridente nossa areia que brilhava morena como o cabelo
das mulheres que se saiam da praia
era uma imbetiba de origem indígena mas povoada pelos barcos e pela
pedras que serviam de calmante para um mar murado para não engolir a
cidadela

o mundo parecia outro
minha criança olhava apavorada aquele movimento
o vento soprava forte em meus longos cabelos
e lá
somente lá eu pensava estar em casa
mas o que é uma casa
seria um lugar onde onde habito
ou o lugar que habito em mim

não sabia definir isso
tinha ainda um olhar infantil e ingênuo quando avistei
a imensidão desse horizonte

mas lá estava eu estático
sem vontade
sem amigos
sem vontade
em minha mente implicante soava um violoncelo que podia ser ouvido da lira

talvez dos conspiradores
não sei bem quem conspirava
mas parecia que uma nova aurora surgia
e surgiu

surgiu pra mim uma vontade louca de ser o mar que lambia insistentemente
meus pés em uma caminhada contínua para o horizonte que parecia sem
sentido
eu buscava um sentido para tudo aquilo
quase infantil para parecer ter graça e felicidade como as outras pessoas
mas as pessoas sempre me apavoravam
só por existirem em si como pessoas ou um outro que eu não desenhava em
minha cabeça como outro
por que o outro existia somente em si e não fazia parte de mim
a morte me chamava de tolo
a vida me clamava por ser um ou mais um daqueles que vagava pela vida
mas de que vida eu estou falando
estou falando do silêncio avassalador que só podia interrompido pela alegria
de quem está na vida para viver

e eu pensava
viver ou estar sendo vivido por uma situação única de solidão e desespero
de silêncio amarrotado pelo vento dos mortos da igualdade
que exótico
o cemitério era em uma rua da igualdade

somos iguais
somos todos presentificados de igualdade humana
mas não de igualdade de indivíduos
sempre preferia a humanidade aos indivíduos

indivíduos são seres que projetam formas de viver e de saborear a vida que
que é curta e singela
seria mesmo singelo o momento em que vivia aquela sensação avassaladora
de passar a ser um indivíduo
não sei responder
mas preferia me sentir pertencente a humanidade
não aos indivíduos

caminhei pelo calçadão e lá estava o infinito
o barulho do mar se embaralhava como cartas com as vozes da minha
cabeça
não conseguia ouvir os indivíduos
me sentia sozinho
mas penso que somos sempre sozinhos
ninguém nunca está em mim para dizer a mim o que sou
solidão de uma idéia torta ou morta de sentido e objetivos
me deparo então nessa caminhada com um trampolim encravado em uma
pedra
onde crianças como eu se sentiam felizes e pertencentes àquele lugar
por que eu não me sentia assim
que inveja do outro que se fazia feliz em um fragmento de tempo para aquele
tempo maior que era o universo
mas por que pensar no universo se o que tenho é um momento presente
onde o universo nada pode fazer

o Mocambo quase em ruínas apresenta seus produtos para garantir que
ninguém passe ali a sede do sol que arde em minha pele
não sei bem se minha pele precisava de alguma coisa
mas minha alma necessitava de explicação para um todo que não se
justificava

ao longe via o morro sendo tomado por construções que trariam um progresso
por que os indivíduos sempre buscam o progresso se a morte é o que nos espera
que merda
a morte novamente acompanhava meu pensamento e nada fazia sentido
fiz a volta e andei pela areia grossa dessa praia linda
isso parecia me acalmar mas a solidão ainda me acompanhava
não entendo porque
nunca fui capaz de entender

o número 5 passa pela pista e diz querer ir para o centro
será que ele iria até o centro mesmo
mas de que centro ele fala
eu precisava de um ônibus que me levasse ao centro de mim mesmo
ao caminho que eu nem sei se poderia ir
meu caminho parecia traçado e via ao retornar outro morro ao fim daquela praia
e lá estavam as armadas forças de defesa histórica que toda cidade sempre precisou
pronto
tudo recaía novamente em mim como fragmentos de perguntas e respostas

a humanidade se armava para se proteger da humanidade
e lá se fazia neste quartel
se fazia a ordem pela ordem da defesa do ser
parece que lá se aprende a ser homem
mas se aprende a ser
indivíduos ou humanos que vivem a inquietação do limite da vida e da morte
nada parece agradável

uma bola
uma bola bate em minhas costas e cai sobre a areia
isso me chama para o presente
para o agora
e uma criança corre em minha direção com um semblante feliz e me olha nos
olhos invadindo assim minha solidão
eu pego a bola e olho nos olhos dela para me fazer parecer mais vivo
era uma criança como eu e parecia estar feliz
quero dizer estava feliz com a bola a areia e a água
que fascinate me parecia aquele momento
único
por que eu não continha em mim aquela felicidade
o sol sonhava com aquele menino que em silêncio discreto me olhava
querendo sua bola
mas ele parecia temer me olhar para não ser contaminado pelo vazio que me
habitava
para não contaminá-lo com minha ausência de mim mesmo recolhi meu olhar
para a areia e devolvi a bola e a felicidade do menino
que interessante
um indivíduo feliz por brincar com uma bola
assim como deus brincava com o nosso mundo
mas deus é deus por que não podia me apresentar aquela felicidade dos que
ignoram a solidão da existência
por que a existência me colocava em cheque
e por coincidência estava na rua do sacramento
e o seu sentido não era o de uma grande confissões
ou a denominação de um ministérios
como um sinal ou um gesto divino
assustei-me então com o mar que lambeu meus pés com sua gélida água
e então como que hipnotizado me defrontei com a imensidão do mar e sua
ondas

algo me impulsionava para aquele infinito
ao mesmo tempo água gelada formigava cada parte do meu corpo que e se
tornava menos meu
menos eu e mais água
o sal parecia tomar meu corpo como um tempero para o universo que me
engolia
ao olhar para cima
a imensidão azul sem uma nuvem sequer parecia bela
caminhava em linha reta para o horizonte do mar enquanto olhava para o céu
e que céu
sempre ouvia que o céu daqui era o mais claro
essa clareza se fez presente em meu corpo e me senti preenchido de um
contentamento único e apático
sim
apático
a igualdade
e
o sacramento
já não faziam parte de mim
e em mim solfejava a linda canção
e demorei a reconhecer que lucas tocava a poesia *tunitiana* que tantas vezes
cantei para a fila do sr reid
e começava a decifrar o local onde o mar beijava a areia morena
que já estava distante de mim
a água agora já não tinha mais temperatura
eu era a água e ela momentaneamente me fazia bem
so minha cabeça parecia estar fora dela
os banhistas nem sequer reparavam a minha invisibilidade
a minha imobilidade
com um pequena onda meus cabelos se molharam e praticamente meu corpo
boiava

em uma forma cristã de redenção
e eu ainda perguntava por deus
mas estava na forma da morte de seu filho
que interesse poderia deus ter em mim que não fosse só um pensamento
então esqueci de deus
porque ele pareceu esquecer de mim
aquilo era um momento de paz e clamor pela ausência de tudo
como se estivesse ainda em lacrado em um barriga envolta na placenta de
minha mãe
e sim
afirmava pra mim o que nada mais me garantia senão o movimento contínuo
do mar que levava meu corpo
minha carne a esfera de um paz
de um não forçoso da vida
que desaguava no lugar onde o rio se encontra com o mar
e

sim
nada podia prever aquele acontecimento
tudo passa rápido demais em minha cabeça e eu voava sobre a lâmina
dourada do mar
meu sentimento
sim eu ainda sentia algo que não era na verdade sensorial
mas metafísico
sublime e grotesco ao mesmo tempo
tinha 13
tinha 14
mas parecia ter em mim a eternidade de um ser que nunca deixou de estar
aqui
sempre presente em suas ausências delatadas por seu silêncio
mas o mar tem

som
tem gosto
e desgosto do mundo como ele se mostra para mim

será que é assim também no outro
aquele que invento a cada lembrança de minha parca memória
por que então se preocupar com o outro se sua existência só se dá na minha
memória e em meu esquecimento
morre quem eu não recordo que atravessou minha vida
e no esquecimento apago meu passado na frase que ecoa minha mente

ninguém
é a forma do início de um silêncio
pode
é o verbo que conduz a oração que mais me tatua a alma
saber
é a condição dessa mudança repentina de um ouvido que galanteia e fantasia
as palavras para que o sentido seja aquilo que não percebia
ou percebia e não fiz enxergar

a água agora
é água de homero no templo dos deuses gregos que admitiam ser mais
humanos que a humanidade
mas o mundo é feito de indivíduos que costuram suas histórias a partir das
vivências
vivências me foram silenciadas de um passado

acho que um peixe tocou em mim
volto ao mundo sensorial
e o sol me aquece o rosto que permanece flutuando
enquanto meu corpo tende a afundar naquele vasto e complexo oceano

que insiste em balançar como o ninar de uma criança
que nada sabe
e necessita de indivíduos para que sobreviva
e se humanize

saiba o valor de amar
saiba o valor de
sempre estar ligado ao afeto contínuo e inequívoco

meus pés formigam e parecem não ter mais chão para pisar
pois o chão não basta para quem está planando sobre sua sombra decrépita
e ofegante pelo acontecimento
podia ser somente um dia de sol e com o atlântico a banhar de leve meu
corpo
que boiava em direção ao nada

lembrei da preguiça que habitava em mim e nas árvores da veríssimo
que já foi um dia largo da alegria

meu corpo lembrava a dança lenta e vagarosa que me fazia perder horas a
olhar seus movimentos lânguidos
e
precisos
e
preciosos
como as folhas que pululavam dos galhos para compor a cena mais bela
da exuberante natureza

seu veríssimo ficaria orgulhoso de saber que a preguiça morava em seu
legado histórico
batizado por viver intensamente um mundo que não vejo

pois só vejo a preguiça e seu lento movimento que permeia a natureza
e penso na rua direita
que não têm a esquerda para completar seu encontro
pois a esquerda é a rua da praia

onde está a praia
pensava
está em mim e eu estou mergulhado nela e nessa profusão de sentimentos
que me afastam da margem segura do mundo

gaivota
eu sou uma gaivota
como a que vejo enquanto avanço
mar adentro inerte de mim
parecia que ela me fazia companhia
voando em círculos sobre meu olhar
agora atento

vejo o desenho que ela me apresenta no céu
ela desenha sem linhas em um vazio que só eu enxergo
e decifro o sinal que um pássaro me faz crer falar comigo sobre a vida
e nessa vida
eu me vejo como um corpo que flutua sem vontade ou ansiedade
e isso me traz tranquilidade

sinto agora
sinto
agora em minha boca o sal que começa a invadir meu paladar

como a água do mar é
somente é

e por isso me leva a levitar
me despeço das pedras que ainda avisto em meu pequeno horizonte
de repente meus olhos se fecham e o mundo parece outro
outro lugar
mas rapidamente abro os olhos para procurar a gaivota que me escreveu no
céu azul
ela não está mais ao meu alcance
como tantas outras coisas que queria poder ter ao meu lado
mas estou só

e